



LENDO POEMAS - VIDEOAULAS
Ação de extensão PJ134-2020



DLi



DEPARTAMENTO DE LETRAS DE ITABAIANA



Christina Ramalho (Coord.), Carlos Alexandre Aragão, Alexsandra Bispo, Éverton Santos, Judie Souza, Luana Santana e Maria Luana Nunes

1) MARIPOSA

SOLITÁRIO EM SEU MESMO QUARTO À VISTA DA LUZ DO CANDEEIRO PORFIA O POETA PENSAMENTEAR
EXEMPLOS DE SEU AMOR NA BORBOLETA

Ó tu do meu amor fiel traslado
Mariposa, entre as chamas consumida,
Pois se à força do ardor perdes a vida,
A violência do fogo me há prostrado.

Tu de amante o teu fim hás encontrado,
Essa flama girando apeteçada,
Eu girando uma penha endurecida,
No fogo, que exalou, morro abrasado.

Ambos, de firmes, anelando chamas,
Tu a vida deixas, eu a morte imploro,
Nas constâncias iguais, iguais nas famas.

Mas, ai!, que a diferença entre nós choro;
Pois acabando tu ao fogo, que amas,
Eu morro, sem chegar à luz, que adoro.

(Gregório de Matos)

Referência: MATOS, Gregório de. Solitário em seu mesmo quarto à vista da luz do candeiro porfia o poeta
pensamentear exemplos de seu amor na borboleta. In: _____. *Poemas escolhidos*. São Paulo: Editora Cultrix, 1989, p. 225.

2) AVE

SONETO XLVI

Não vês, Lise, brincar esse menino
Com aquela avezinha? Estende o braço,
Deixa-a fugir, mas apertando o laço,
A condena outra vez ao seu destino.

Nessa mesma figura, eu imagino,
Tens minha liberdade, pois ao passo
Que cuido que estou livre do embaraço,
Então me prende mais meu desatino.

Em um contínuo giro o pensamento
Tanto a precipitar-me se encaminha,
Que não vejo onde pare o meu tormento.

Mas fora menos mal esta ânsia minha,
Se me faltasse a mim o entendimento,
Como falta razão a esta avezinha.

(Cláudio Manuel da Costa, do livro *Obras*, de 1768)

Referência: COSTA, Cláudio Manuel da. Soneto XLVI. In: PROENÇA FILHO, Domício (Org). *A poesia dos inconfidentes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, p. 71.

3) COLIBRI

O CORAÇÃO

O coração é o colibri dourado
Das veigas puras do jardim do céu.
Um — tem o mel da granadilha agreste,
Bebe os perfumes, que a bonina deu.

O outro — voa em mais virentes balças,
Pousa de um riso na rubente flor.
Vive do mel — a que se chama — crenças —,
Vive do aroma — que se diz — amor. —

Recife, 1865.

(Castro Alves, do livro *Espumas flutuantes*, de 1870)

Referência: ALVES, Castro. O coração. In: _____. *Castro Alves. Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976, p. 149.

4) BEIJA-FLOR

O BEIJA-FLOR

Era uma moça franzina,
Bela visão matutina
Daquelas que é raro ver,
Corpo esbelto, colo erguido,
Molhando o branco vestido
No orvalho do amanhecer.

Vede-a lá: tímida, esquiva...
Que boca!... é a flor mais viva,
Que agora está no jardim;
Mordendo a polpa do lábio,
Como quem suga o ressábio
Dos beijos de um querubim!

Nem viu que as auras gemeram,
E os ramos estremeceram
Quando um pouco ali se ergueu...
Nos alvos dentes, viçosa,
Parte o talo de uma rosa,
Que docemente colheu.

E a fresca rosa orvalhada,
Que contrasta descorada,
Do seu rosto a névea tez,
Beijando as mãozinhas suas,
Parece que diz: nós duas!...
E a brisa emenda: nós três! ...

Vai nesse andar descuidoso,
Quando um beija-flor teimoso
Brincar entre os galhos vem,
Sente o aroma da donzela,
Peneira na face dela,
E quer-lhe os lábios também.

Treme a virgem de surpresa,
Leva do braço em defesa,
Vai com o braço a flor da mão;
Nas asas d'ave mimosa
Quebra-se a flor melindrosa,
Que rola esparsa no chão.

Não sei o que a virgem fala,
Que abre o peito e mais trescala,
Do trescalar de uma flor:
Voa em cima o passarinho...
Vai já tocando o biquinho
Nos beijos de rubra cor.

A moça, que se envergonha
De correr, meio risonha
Procura se desviar;
Neste empenho os seios ambos
Deixa ver; inconhos jambos
De algum celeste pomar! ...

Forte luta, luta incrível
Por um beijo! É impossível
Dizer tudo o que se deu.
Tanta coisa, que se esquece
Na vida! Mas me parece
Que o passarinho venceu! ...

Conheço a moça franzina
Que a fronte cândida inclina
Ao sopro de casto amor:
Seu rosto fica mais lindo,
Quando ela conta sorrindo
A história do beija-flor.

(1860)

(Tobias Barreto, do livro *Dias e Noites*, de 1881)

Referência: BARRETO, Tobias. O beija-flor. In: _____. *Dias e noites*. São Cristóvão, SE: Editora da UFS; Aracaju, SE: Fundação Oviêdo Teixeira, 2004, p. 110.

5) POMBA

AS POMBAS

Vai-se a primeira pomba despertada...
Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais, apenas
Raia sanguínea e fresca a madrugada...

E à tarde, quando a rígida nortada
Sopra, aos pombais de novo elas, serenas,
Ruflando as asas, sacudindo as penas,
Voltam todas em bando e em revoada...

Também dos corações onde abotoam,
Os sonhos, um por um, céleres voam,
Como voam as pombas dos pombais;

No azul da adolescência as asas soltam,
Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam,
E eles aos corações não voltam mais...

(Raimundo Correia, do livro *Sinfonias*, de 1883)

Referência: CORREIA, Raimundo. As pombas. In: _____. *Poesia completa e prosa*.
Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1961, p. 123.

6) TOURO

O TOURO DA MORTE

Negro touro saudoso de feridas,
Chifrando-lhe à água azul suas paisagens
E revisando cartas e equipagens
Aos trens que partem rumo das corridas:

Que sonhas em teus cornos, que escondidas
Ânsias lhes arrebolam as viagens,
Que sistema de regos e drenagens
No mar ensaiam tuas investidas?

Nostálgico de um homem com espada,
De sangue femoral, gangrena feia,
Já ninguém há a deter-te o passo forte.

Corre, touro, ao oceano, investe, nada,
E a um toureiro de espuma e sal e areia,
Já que intentas ferir, fere e dá morte.

(Poema de Rafael Alberti traduzido por Manuel Bandeira, em “Poemas traduzidos”)

Referência: BANDEIRA, Manuel. O touro da morte. Tradução de poema de Rafael Alberti. In: _____.
Estrela da vida inteira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966, p. 483.

7) BRUXA

A BRUXA

A Emil Farhat

Nesta cidade do Rio,
de dois milhões de habitantes,
estou sozinho no quarto,
estou sozinho na América.

Estarei mesmo sozinho?
Ainda há pouco um ruído
anunciou vida a meu lado.
Certo não é vida humana,
mas é vida. E sinto a bruxa
presa na zona de luz.

De dois milhões de habitantes!
E nem precisava tanto...
Precisava de um amigo,
desses calados, distantes,

que leem versos de Horácio
mas secretamente influem
na vida, no amor, na carne.
Estou só, não tenho amigo,
e a essa hora tardia
como procurar amigo?

E nem precisava tanto.
Precisava de mulher
que entrasse neste minuto,
recebesse este carinho,
salvasse do aniquilamento
um minuto e um carinho loucos
que tenho para oferecer.

Em dois milhões de habitantes,
quantas mulheres prováveis
interrogam-se no espelho
medindo o tempo perdido
até que venha a manhã
trazer leite, jornal e calma.

Porém a essa hora vazia
como descobrir mulher?

Esta cidade do Rio!
Tenho tanta palavra meiga,
conheço vozes de bichos,
sei os beijos mais violentos,
viajei, briguei, aprendi.
Estou cercado de olhos,
de mãos, afetos, procuras.
Mas se tento comunicar-me
o que há é apenas a noite
e uma espantosa solidão.

Companheiros, escutai-me!
Essa presença agitada
querendo romper a noite
não é simplesmente a bruxa.
É antes a confiança
exalando-se de um homem.

(Carlos Drummond de Andrade, do livro *José*, de 1942)

Referência: ANDRADE, Carlos Drummond de. A bruxa. In: _____. *Carlos Drummond de Andrade. Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1983, p. 142.

8) JUMENTO

OS JUMENTINHOS

Então, à tarde, vêm os jumentinhos
de movimentos um pouco alquebrados,
cinzentos, brancos – e carregados
com as grandes trouxas dos lavadeiros.

Jumentinhos menores que as trouxas
e que os meninos que os vão tangendo:
o pelo áspero, o olho redondo,
jumentinhos-anões, incansáveis,
no ofício que cumprem, dóceis, compreensivos,
por entre pedras, cabanas, ladeiras,
sem o suspiro e a queixa dos homens.

Ó terra pobre, humilde, pensativa,
com os aéreos, versáteis, celestes canteiros
vespertinos de flores de luz e de vento!

(Cecília Meireles, do livro *Poemas escritos na Índia*, de 1961)

As mães contam histórias à sombra dos templos
para meninos tênues, fluidos como nuvens.
E no último reflexo dourado dos jarros
os rostos diurnos vão sendo apagados.

Onde vão descansar os amoráveis jumentinhos,
pequenos, cinzentos, um pouco alquebrados,
que olham para o chão, modestos e calmos,
já sem as trouxas às costas, esperando o se destino?

Como vão dormir estes jumentinhos mansos,
depois dos caminhos, no fim do trabalho?

Que vão sonhar agora estes jumentinhos cinzentos,
de imóveis pestanas brancas, discretos e sossegados,
quando a aldeia estiver quieta, ao clarão da lua,
como um rio sem margens, sem roupas, sem braços...?

Referência: MEIRELES, Cecília. Gaivotas Os jumentinhos. In: _____. *Cecília Meireles. Antologia Poética*. São Paulo: Global, 2013, p. 286-287.

9) GRIFO

A GARRA DO GRIFO

Um grifo hediondo aos poucos se aproxima
e pousa a sua garra sobre o livro;
remexe nas imagens e nos signos,
e apaga-lhes a música e o sentido.

Depois aponta o bico para cima
e em fúria dilacera cada linha
em que a forma do fundo se avizinha
como algo que o nauseia e que o fascina.

Em seu híbrido olhar, o monstro exhibe
as insígnias da infâmia e do suplício,
e em cada coisa e em cada ser imprime
o estigma da impotência mias indigna.

Desde o princípio ele entre nós se infiltra,
era um duende nas águas uterinas,
uma víbora na alma dos meninos,
um íncubo lascivo em meio às virgens.

Desde o princípio o grifo tudo arruína
— sonhos, ideias, êxtase, delírio —,
e até no poema a sua língua bífida
enfia em busca do que lhe é mais íntimo.

(Ivan Junqueira, do livro *O grifo*, de 1983-96)

Referência: JUNQUEIRA, Ivan. A garra do grifo. In: _____. *Poemas reunidos*. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 141-143.

O que ele quer, enfim, o que o inebria,
mais do que a própria e resignada vítima,
é mais do que ela: é antes seu espírito
(o corpo é coisa iníqua e perecível),

sua vertigem de estar só consigo,
sua aposta no absurdo e no infinito,
seu dom de amor, sua esperança mítica
de regressar um dia ao paraíso.

Se o homem cria, ele o escarnece e pisa,
triunfante, entre os escombros da agonia.
Nada o extasia mais do que esse abismo
entre o que alguém almeja e o que conquista.

E assim a besta odiosa as garras finca
nas insondáveis páginas do livro,
quebrando aqui as vértebras do ritmo,
ali, o timbre oculto de uma rima.

Assim também nos ossos e na linfa,
onde ele vela à espreita da perfídia,
da imundície, da véspera de um crime
que o tornará mais pútrido e sublime.

A noite encobre a solidão e o livro.
Encolhe-se o animal nas entrelinhas,
e ri-se a sós de quem, por estar vivo,
faz da poesia um desafio e um risco.

10) GAIVOTA

GAIVOTAS MORTAS NO CAIS DA BALEIA

Sete gaivotas mortas
na praia – sete ameaças
de dano à insolente manhã.
Todas carregam a marca
dos olhos vazados dando para nada
e na areia o sulco das cabeças
que pouco se mostram e das asas
num ritmo (suspenso) que as redima
e consuma, consumindo em flama
este silêncio que ora as arrasta
– para onde?

O que resta? Uma casca
na memória que registra
a mudança de cenário
ou o ritmo permanece
nestas sete mortes, zonas de atrito
inesperado na calmaria da praia
– experiência sem significado
para estas vagas que são lavas
que as lavam e agasalham?

Os sete bicos agudos
perderam o hábito da flecha
e os que tinham de cólera e busca.

(Olga Savary, do livro *Altaonda*, de 1971-1977)

Referência: SAVARY, Olga. Gaivotas Mortas o Cais da Baleia. In: _____. *Repertório selvagem*. Obra reunida. 12 livros de poesia. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional/Multimais/Universidade de Mogi das Cruzes, 1998, p. 148-149.

Agora
seu mal é possuir o enigma
da arquitetura lesionada.

Para chegar onde estão
é preciso não estar onde estão.
Inventa-se nova aventura:
fiéis à ira da asa,
imóveis, estão se movendo.

Na clara manhã de maio
todas ingressam no escuro.

Elas estão soltas como
se concentrasse, no oposto
sete compromissos de fuga.

A tarde toma o rumo
da solidão de seus pés.

Antes
nada as tocava;
agora
água e vento lhes desmancham o nome.

Arraial do Cabo, maio 1971

11) CAVALO

C A V A L G A L A D A

cavalos em fuga de telúricas sendas
pulsando além das fronteiras do rumo
desvencilhados das pedras
rotos os prazos do chão
galgam muralhas de susto
deslizam altas rotas
crinas
 libertas
 de vento e **d i s t â n c i a**

fluidos
fundos de luz
cavalos longamente em ânsia

de que **e x - t r e l a s**

(Helena Parente Cunha, do livro *Corpo no cerco*, de 1978)

Referência: PARENTE CUNHA, Helena. Cavalgalada. In: _____. *Corpo no cerco*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989, p. 114-115.

12) FÊNIX

FÊMEA-FÊNIX

Para Léa Garcia

Navego-me eu-mulher e não temo,
sei da falsa maciez das águas
e quando o receio
me busca, não temo o medo,
sei que posso me deslizar
nas pedras e me sair ilesa,
com o corpo marcado pelo olor
da lama.

Abraso-me eu-mulher e não temo,
sei do inebriante calor da queima
e quando o temor
me visita, não temo o receio,
sei que posso me lançar ao fogo
e da fogueira me sair inunda,
com o corpo ameigado pelo odor
da chama.

Deserto-me eu-mulher e não temo,
sei do cativante vazio da miragem,
e quando o pavor
em mim aloja, não temo o medo,
sei que posso me fundir ao só,
e em solo ressurgir inteira
com o corpo banhado pelo suor
da faina.

Vivifico-me eu-mulher e teimo,
na vital carícia de meu cio,
na cálida coragem de meu corpo,
no infindo laço da vida,
que jaz em mim
e renasce flor fecunda.
Vivifico-me eu-mulher.
Fêmea. Fênix. Eu fecundo.

(Conceição Evaristo, do livro *Poemas da recordação e outros movimentos*, de 2011)

Referência: EVARISTO, Conceição. Fêmea-fênix. In: _____. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011, p. 38-39.

Fontes das imagens (utilização meramente didática):

avezinha: <http://hojeeamanh.blogspot.com/2013/01/olhos-abertosna-penumbra-esperando.html>

beija-flor: <https://site.oatibaiense.com.br/2020/02/um-beija-flor/>

cavalo: <https://www.comprerural.com/conheca-origem-e-curiosidades-dos-cavalos-domesticos/>

fênix: <https://www.todamateria.com.br/fenix/>

gaivota: <https://luzestelar.com.br/2017/11/30/gaivotas-podem-voar-reflexoes-do-livro-fernao-capelo-gaivota/>

grifo: <https://br.pinterest.com/pin/852447035690696584/>

jumento: <https://www.gazetadopovo.com.br/agronegocio/pecuaria/outros/trocado-por-moto-jumento-deixa-de-ser-meio-de-transporte-e-vira-carne-tipo-exportacao-dz00s6gop3ipdh5yyvx50xgkz/>

mariposa: <https://rebelo.org/2020/03/mariposas/>

pomba: <https://www.eusemfronteiras.com.br/voce-sabe-por-que-a-pomba-branca-e-o-simbolo-da-paz/>

touro: <https://www.antenacritica.com.br/2019/09/19/horoscopo-de-hoje-do-signo-de-touro-19-09/>